

Mensagem ao Leitor



Vamos lá, senhoras e senhores!
Nesta edição você vai receber uma chuva de informações.
Vamos ter respingos sobre solda, um chuvisco sobre acidente, também tem uma garoa de análise de riscos, um pé d'água de carga mental e mais um toró de informações. Além, é claro, de muitas gotas de humor! Então jogue o guarda-chuva para cima e molhe-se à vontade.

Prof. Mário Sobral Jr

COISA DE ADVOGADO?

Veza por outra cito no Segurito súmulas e orientações jurisprudenciais, mas às vezes acabo sendo mal interpretado. Realmente é importante saber a interpretação legal predominante sobre determinado assunto, mas quando escrevermos um laudo ou parecer precisamos nos restringir às questões técnicas.



Então para que, professor, preciso ler tanta lei? Isto é coisa de advogado. Exatamente. Mas bons advogados estudam bastante a parte técnica para poder conversar com os profissionais de Segurança do Trabalho e o inverso também deve ocorrer. Isto facilita o diálogo, as decisões e a informação para a empresa fica mais completa.

Mário Sobral Jr
Eng. de Segurança do Trabalho

A PALAVRA ACIDENTE

Caso você procure a definição da palavra acidente em dicionários da internet, encontrará o seguinte: acontecimento casual, fortuito, inesperado, qualquer acontecimento, desagradável ou infeliz, que envolva dano, perda, sofrimento ou morte.
Ou seja, a palavra sempre está ligada a algo negativo, mas também está relacionada ao imprevisto. E neste caso não tem como um profissional de Segurança do Trabalho concordar com este significado.
O motivo é óbvio. Se um determinado acidente ocorreu por uma situação conhecida por todos e que poderia ser prevista ou se é um problema frequente, não podemos vincular a situação a algo imprevisto.
Concordo, professor! Mas qual o problema, é só uma palavra.



Não, meu filho! Não é só uma palavra é um conceito que influencia o modo de pensar das pessoas e acaba relacionando a lesão de um trabalhador a algo comum.

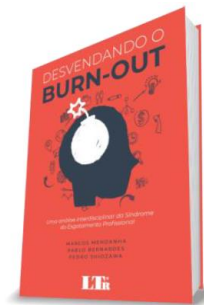
A palavra "palavra" vem do grego parabolé que significa comparação. Perceba a gravidade. Já ouvi do pai de um trabalhador cujo filho veio a falecer em uma obra, devido a falha de um equipamento, o seguinte: Foi um acidente, uma fatalidade. Era a hora dele e Deus sabe o que faz.

Independente da resignação deste pai, o ocorrido poderia ter sido evitado. Neste caso o problema foi o fio descascado de uma ferramenta, o que levou à morte do trabalhador. E apesar de ter sido uma situação totalmente previsível a palavra acidente acabou sendo utilizada como um escudo.

Como consequência do emprego desta simples palavra vejo profissionais de Segurança do Trabalho não avaliarem o contexto e as causas e ficarem à caça de culpados.

Mário Sobral Jr
Eng. de Segurança do Trabalho

Cada vez mais os profissionais preventivistas precisam ter conhecimentos sobre os problemas que afetam a mente e neste livro temos uma análise interdisciplinar de um destes problemas: a síndrome do esgotamento profissional. O livro passa pela origem, sintomas, abordagens terapêuticas, medidas de prevenção, além de aprofundar em alguns temas relacionados.



BOA LEITURA!

Desvendando o Burn-Out
Marcos Mendanha, Pablo Bernardes e Pedro Shiozawa.
Ed. LTR

Piadinhas

Segurinho foi o único a fazer a lição de casa corretamente.

- Muito bem, Segurinho. Mas posso saber se seu pai fez a lição junto de você?
- É claro que não, professora, ele fez tudo sozinho!



Você é linda, onde posso te ver?
Nas fotos.
Mas eu queria ver mais de perto.
Dá zoom!

Você vive reclamando que não estão nem aí com o SESMT. Por que você não pede as contas dessa empresa?

EU:



Conversando sobre Carga Mental

A pesar de alguns autores utilizarem uma divisão entre trabalhos com carga física e com carga mental, é óbvio que é uma divisão apenas didática, pois carregando pedra não deixamos de pensar, e mesmo no teclado de um computador temos um esforço físico. Na verdade, a ideia desta classificação está relacionada à predominância do trabalho. Professor, mas quando ocorre uma carga mental de trabalho inadequada? Pensa em uma pergunta difícil! Pois são diversos os fatores que irão influenciar. E vou tentar comentar sobre alguns:



- Conteúdo da tarefa: basicamente, está relacionado às atividades de cada posto de trabalho, ou seja, quais informações o trabalhador recebe e quais respostas ele precisa dar; se há a possibilidade de erro sem graves consequências; a monotonia da atividade. Por exemplo, ele precisa montar uma centena de peças diariamente

em determinada velocidade, mas ao mesmo tempo precisa avaliar vários critérios de qualidade deste mesmo objeto, com pressão contínua da chefia em relação a possíveis erros.

- Condições ambientais: imagina trabalhar em um ambiente quente, ruidoso, empoeirado e mal iluminado. Este e tantos outros fatores podem iniciar um incômodo no trabalhador, mas dependendo da intensidade e dos demais agentes ambientais do posto de trabalho, podem levar o trabalhador a uma condição de maior exigência mental, principalmente devido à dificuldade de manter a concentração, além é claro dos problemas relacionados ao bem estar do trabalhador.

- Concepção do posto de trabalho: mobiliários desconfortáveis, bancadas com dimensões inadequadas e softwares de difícil usabilidade dentre outros fatores, também têm como consequência o aumento da carga mental de trabalho. Faz parte também desta concepção a organização do trabalho, que considera o trabalho em turnos, jornada noturna, pausas existentes, premiação por maior produção etc.

- Fatores psicossociais: neste caso o problema pode ser decorrente das relações com os demais colegas de trabalho, na comunicação deficiente com a empresa, na própria insatisfação em relação à importância do seu trabalho ou mesmo na dificuldade de aceitar o modo de agir da chefia, fatores que também influenciarão na carga mental do

trabalhador. No entanto, todas as exigências de um posto de trabalho não afetam os indivíduos de uma mesma forma, pois também temos como variável a capacidade de resposta de cada trabalhador, esta capacidade irá depender de características individuais, como a idade, o nível de escolaridade, as condições físicas, a personalidade de cada trabalhador etc.

Além disso, devem ser considerados também os fatores externos ao trabalho como problemas financeiros, familiares, doença não relacionada ao trabalho etc. Acho que fica fácil de perceber o quanto é complicado identificar a situação e iniciar ações para resolver ou minimizar as consequências para o trabalhador. No entanto, se não dermos um primeiro passo o problema só irá agravar.

Mário Sobral Jr

Eng. de Segurança do Trabalho

Piadinhas

Segurzinho, olhava a mãe passando creme no rosto e perguntou: - Mãe pra que você está passando este creme?
- É pra ficar bonita.

Em seguida, começou a passar um algodão para tirar o creme quando o moleque voltou a falar:

- Ué mãe, já desistiu?!!!

Campanhas de conscientização de SST

Você já prestou atenção nas campanhas que circulam na TV e na Internet com o objetivo de alertar sobre os riscos de acidente do trabalho?

Já, professor! Em geral são excelentes. Tem algum problema?

Em relação à qualidade dos vídeos, não tenho do que reclamar, mas algo com que não concordo é que quase sempre (na verdade, não lembro de ter visto nenhum destes vídeos com outro foco) passa-se a mensagem que o trabalhador, por um deslize, é o responsável pelo acidente. Lembro que em uma dessas, o trabalhador aponta uma ferramenta para o próprio rosto, o que pode até acontecer, mas temos outros motivos, tão ou mais importantes do que o erro do trabalhador. Qualquer acidente sempre terá diversas razões, ou seja, é multifatorial. E nestas campanhas esquecem que muitos riscos são gerados pela empresa como consequência de uma gestão focada na produção e não na Segurança do Trabalhador.

Ok, professor. Mas pelo menos alertam sobre o acidente.

Na verdade, a minha maior preocupação é em função deste tipo de propaganda divulgar a ideia ultrapassada de que o ato do trabalhador é a causa dos acidentes e caso ele preste atenção tudo estará resolvido, sem alertar para todas as outras causas possíveis. Como consequência temos a visão do acidente como fatalidade, como sendo responsabilidade exclusiva do trabalhador, isto acaba influenciando em algumas análises de acidentes que minimizam tudo ao lapso do acidentado e apresentam "soluções" com ações simplórias, como colocar uma placa e dar um treinamento para o trabalhador nunca mais errar.

Precisamos eliminar este modo de pensar e passar a analisar os acidentes de forma mais sistêmica e profissional e as atuais campanhas poderiam contribuir muito mais com este objetivo.

Mário Sobral Jr

Eng. de Segurança do Trabalho

Veneno Diário

Há um rei da antiguidade sempre citado nos livros de toxicologia. O nome dele é Mitrídates, Segundo a história, com medo de vir a ser envenenado, tomava doses crescentes de vários venenos para conseguir imunizar-se no caso de ingerir uma dose mortal.

Algo parecido ocorre com alguns profissionais de Segurança do Trabalho, a principal diferença é por ser uma ação involuntária.

Professor, não conheço ninguém que anda tomando veneno por aí!

É só uma metáfora, meu filho. O que eu quero que você entenda é que quando estamos diariamente expostos a uma situação de alto risco, o tempo acaba fazendo com que não percebamos a sua criticidade.

Precisamos tomar cuidado para não nos acostumarmos com o veneno e tentar manter os olhos do primeiro dia de trabalho, onde tudo era novidade e gritava quando passávamos.

Mário Sobral Jr - Eng. de Seg. do Trabalho



Análise de Riscos

Talvez a vontade de se expor ao risco nasça com a pessoa, pois vejo gente que adora atividades radicais como pular de paraquedas, escalar montanhas ou dirigir em alta velocidade. Já outros não querem o perigo nem como colega distante. Por exemplo, acho que atualmente o maior perigo a que posso me expor é o de esquecer de colocar o papel higiênico na lista do supermercado.

Professor, este último pode não matar, mas as consequências podem ser catastróficas.



Deixando a brincadeira de lado, no trabalho o importante não é ficar sem se expor ao perigo, pois são diversas as atividades que não teremos como nos livrar dele, mas temos que saber avaliar e controlar as suas consequências.

Para isto uma das ferramentas utilizadas é a APR – Análise Preliminar de Riscos que como o próprio nome indica deve ser

realizada antes de iniciar a atividade e posteriormente poderá ser utilizada uma ferramenta mais específica, como FMEA, HAZOP, árvore de causas etc, conforme o tipo de atividade.

Para realizar esta análise podemos utilizar o histórico da empresa em relação a este tipo de atividade, mas caso seja a primeira vez podemos realizar uma avaliação mais subjetiva que dependa da nossa experiência e bom senso. Para muitos, este ponto acaba sendo o momento de desistir da análise, pois se não há histórico alguns acreditam que só irá obter um chute.

Professor, mas se pensarmos desta forma nunca teremos um histórico.

Parabéns, meu filho. É isto mesmo.

Porém se perguntarmos o que pode dar errado no projeto é bem provável que, com um pouco de criatividade, consigamos como resposta uma lista imensa. O que nos interessa na verdade é conseguir identificar os riscos de maior probabilidade e além disso conseguir ter noção do impacto destes riscos. Mas para termos uma lista mais coerente podemos, além de avaliar novos riscos, verificar riscos de projetos similares.

O que precisamos ter em mente é que a análise dos riscos nunca terá a capacidade de prever tudo o que é preciso ser feito, no entanto nos dará um conjunto de informações que possibilitará que tomemos as melhores decisões.

Mário Sobral Jr

Eng. de Segurança do Trabalho

Você não estava lá

Voltando para casa, após mais um dia de trabalho, você vê um aglomerado de gente no cruzamento e percebe que houve um acidente. Uma moto caída no chão com o motoqueiro cercado de curiosos e um carro com a lanterna quebrada. Como no dia anterior havia lido uma matéria sobre a imprudência dos motoqueiros, deduz que o acidente ocorreu devido o motoqueiro ter ultrapassado o sinal vermelho.



Não entendi, professor. Qual o problema?

O problema é que fazemos isto com frequência, mesmo quando o acidente ocorre no ambiente de trabalho.

Fazemos o quê?

Deduzimos o que ocorreu, mesmo sem estarmos presentes. Percebe que este modo de agir pode influenciar negativamente a nossa análise. Sei que é difícil, mas toda vez que estivermos realizando uma análise de acidente do trabalho, devemos lembrar que a nossa teoria é apenas e exclusivamente uma teoria, só os fatos levantados detalhadamente, com entrevista do acidentado, testemunhas e tudo mais o que for possível e que poderão dar certeza do ocorrido, e nem sempre.

Alerto para este modo de agir, pois ao passarmos a pensar desta forma ficamos menos tendenciosos em defender nossa versão, que pode estar totalmente equivocada.

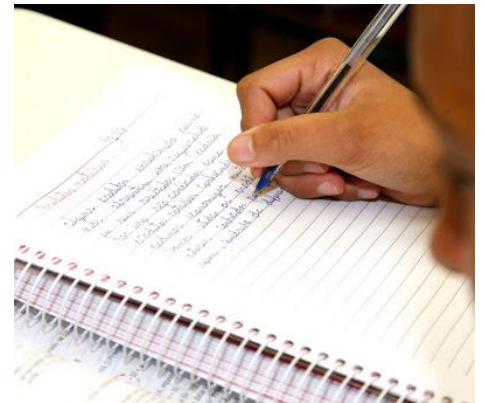
Mário Sobral Jr

Eng. de Segurança do Trabalho

Quem contratar?

Professor, fiz a seleção de alguns profissionais de Segurança do Trabalho e agora estou na dúvida entre três profissionais. Qual seria o critério que o senhor adotaria para contratar?

O seguinte, meu filho. No caso de serem profissionais pré-selecionados acredito que o básico de conhecimentos técnicos eles já tem, então eu entregaria duas folhas em branco para cada um e pediria uma redação.



Redação, professor! Eu quero um profissional de Segurança do Trabalho, não preciso de um escritor.

Ok! Mas se o profissional consegue escrever, terá raros erros de ortografia em relatórios ou nos e-mails, melhor vocabulário, capacidade de coordenar as ideias. Além disso, você tem certeza que é um profissional que lê mais e consequentemente tem um maior repertório de conhecimentos. Tudo isso gera um profissional que consegue expressar suas ideias, argumentar e fazer a empresa crescer.

Mário Sobral Jr

Eng. de Segurança do Trabalho

Piadinhas

Segurinho estava brincando com seu arco e flecha que tinha ganhado no Natal. De repente a flecha cai no quintal da Dona Maria. — Dona Maria, posso pegar a flecha que caiu no seu quintal? — Fala onde está que eu pego! — Dona Maria, deixa que eu pego. — Fala onde está, menino, senão eu não pego mais. — Tá bom, tá bom... Tá no seu gato!



— Querida, você acredita em amor à primeira vista? — É lógico que sim. Se tivesse te olhado mais vezes não teria me casado!



CONTINUE A NADAR, CONTINUA A NADAR...

Dou aula faz alguns anos e às vezes acho que a educação está cada vez mais formando pessoas cartesianas, ou seja, indivíduos que pensam e agem como seguindo procedimentos. Falo isso porque a cada dia ouço menos questionamentos, os alunos não desconfiam das minhas afirmações, apenas escutam, como se eu tivesse um gabarito.

Ahhh, professor, mas eu mesmo fico com vergonha de duvidar da informação! Tem professor que fica chateado.

Talvez, no momento, dependendo da dúvida, alguns professores fiquem incomodados, mas estes questionamentos, fazem com que ele repense as informações, reveja o formato da aula ou até mude de opinião, ou seja, o aluno e o professor crescem.



Gosto muito de uma frase do Sigmund Freud que explica bem isso: Se dois indivíduos estão sempre de acordo em tudo, posso assegurar que um dos dois pensa por ambos.

Professor, mas parte desta responsabilidade de gerar alunos mais

questionadores não é da própria escola?

Com certeza, sei que sendo professor faço parte do problema e por isso minha inquietação em busca de uma solução. Além do mais, não podemos ficar acorrentados a conhecimentos exclusivamente acadêmicos, e às vezes ultrapassados, devido a velocidade de geração de informações, precisamos quebrar estes elos e buscar novas habilidades.

Também é preciso aceitar a atual instabilidade do mercado e passar a ver cada sala de aula como geradora de mentes que precisam aprender a aprender. Não podemos continuar possibilitando a comparação da sala de aula a um sistema fordiano, ou seja, um processo linear que ao final da linha de produção temos bons profissionais.

Como assim, Professor! Então não basta eu ir para a escola e ter uma formação?

Talvez na época do meu pai ou do meu avô, bastaria adquirir um determinado conhecimento e a vida estava traçada, não era necessário nenhum upgrade profissional. Uma graduação, por exemplo, era certeza de emprego.

Hoje, além de não haver certeza de nada, precisamos de atualizações constantes, por isso nosso objetivo não pode ser uma determinada formação, mas sim aprender a ser um eterno "aprendedor". Caso você conquiste esta qualidade estará pronto para hoje, amanhã e para o incerto futuro. Para isso, é preciso duvidar do seu professor, do livro que você está lendo (se não está, deveria), buscar fontes paralelas e continuar crescendo e aprendendo.

Mário Sobral Jr

Eng. de Segurança do Trabalho

PROBLEMAS COM A SOLDA

que é solda para você, meu filho?

Professor, dei uma busca em alguns sites na internet e juntando as definições, conclui que a solda é um processo que realiza a união de duas ou mais peças garantindo as propriedades físicas e químicas na junta, habitualmente, realizada por meio da fusão.

Ok, meu filho. Gostei da definição, mas o que eu não gosto são das consequências da solda, e como são diversos os tipos de materiais utilizados, também são bem diversificadas as consequências. No entanto, tudo depende da quantidade de fumos inalados pelo soldador. Alguns dos fatores são os seguintes:

a) Existência de ventilação: se o ambiente é aberto, já ameniza a situação, mas se o ambiente é fechado, não tem jeito, precisamos de um sistema de exaustão localizada que considere a velocidade de captura, a vazão de extração, perda de

carga nos dutos e diversos fatores que irão depender de uma instalação realizada por um profissional especializado. Não basta achar que está sugando o ar e testar o exaustor com um pedaço de papel, ou seja, é preciso desenvolver todo um projeto. Além disso, é necessário pensar em um sistema de ventilação geral, que faça a renovação do ar ambiente compatível com o exaustor localizado.

Todo este sistema precisa ter garantia de funcionamento ao longo dos anos e para isso precisamos que seja realizada a manutenção periódica do sistema.

b) Produção de fumos e demais agentes durante o processo: a quantidade de fumos e de outros produtos gerada em cada atividade depende de diversos fatores que precisam ser considerados, como por exemplo: vazão dos gases de combustão, tempo de trabalho realizando a solda, intensidade da corrente elétrica,

Piadinhas

Seguritinho estava brincando com seu arco e flecha que tinha ganhado no Natal. De repente a flecha cai no quintal da Dona Maria. — Dona Maria, posso pegar a flecha que caiu no seu quintal? — Fala onde está que eu pego! — Dona Maria, deixa que eu pego. — Fala onde está, menino, senão eu não pego mais. — Tá bom, tá bom... Tá no seu gato!



— Querida, você acredita em amor à primeira vista? — É lógico que sim. Se tivesse te olhado mais vezes não teria me casado!



- Papai, quando eu crescer quero ser como você. - E por quê? - pergunta o pai orgulhoso. - Para ter um filho como eu.



existência de revestimentos como pintura ou resíduos de solventes etc.

Professor, e como há diversos tipos de soldas (ex.: MIG, TIG, MAG etc) para cada situação haverá riscos específicos.

Bem lembrado! Mas continuando, outro problema é o:

c) Posicionamento do soldador em relação à solda: Os fumos tendem a subir durante o processo e se o trabalhador estiver com o rosto nesta vertical, aumentará a probabilidade de inalação. Além disso, de acordo com a dificuldade do processo é necessário maior precisão e é comum os trabalhadores aproximarem muito o rosto para poderem visualizar melhor.

Além destes fatores, precisamos avaliar qual o tipo de proteção individual seria mais indicada para complementar a proteção do trabalhador.

Mário Sobral Jr

Eng. de Segurança do Trabalho